

1.

Introdução

TRADUZIR-SE¹

*Uma parte de mim é todo mundo
Outra parte é ninguém, fundo sem fundo*

*Uma parte de mim é multidão
Outra parte estranheza e solidão*

*Uma parte de mim pesa, pondera
Outra parte delira*

*Uma parte de mim almoça e janta
Outra parte se espanta*

*Uma parte de mim é plenamente
Outra parte se sabe de repente*

*Uma parte de mim é só vertigem
Outra parte linguagem*

*Traduzir uma parte na outra parte
Que é uma questão de vida e morte
Será arte?*

Os desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, desde sua oficialização na década de 1930, têm atraído o interesse de diversos setores da sociedade: seja por motivos econômicos, socioculturais ou, ainda, pelo simples prazer em participar da festa, desfilando, assistindo ou trabalhando.

A história das Escolas de Samba do Rio de Janeiro já foi contada² e recontada diversas vezes, com enfoques variados desde a cronologia das agremiações carnavalescas, passando pelas etapas que antecedem ao desfile, em

¹ Poema “Traduzir-se”, de Ferreira Gullar, extraído da introdução à edição de 2001, no livro: CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair na modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; Tradução da introdução Gênese Andrade. São Paulo: EDUSP, 2008.

² CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro: 2009, 1999 e 1994; DAMATTA, Roberto: 1997 e 1981; FERREIRA, Felipe: 2004 e 1999; GOLDWASSER, Maria Julia: 1975; GUIMARÃES, Helenise Monteiro: 1992; MAGALHÃES, Rosa Lúcia Benedetti: 1997; MORAES, Eneida: 1987; SOUZA, Hamilton Moss de: 1989; VIANNA, Hermano: 2004, entre outros.

análise de fantasias³, e, ainda, o processo de profissionalização do responsável pelo enredo, isto é, o carnavalesco⁴. No entanto, as pesquisas ainda não investigaram o tema que apresentamos neste trabalho: a produção manufatureira de “lembrancinhas” com a temática do carnaval. Recentemente, uma nova categoria de práticas e produtos ligados à festa carnavalesca tem surgido, pois, no Rio de Janeiro, a festa carnavalesca alimenta uma infinidade de produtos e serviços na produção dos desfiles de Escolas de Samba, incentivando (e incentivado pelo) o turismo.

As Escolas de Samba cariocas constituem-se de grupos com hierarquias específicas e organizadas que se subdividem em presidência, diversas diretorias e cargos administrativos, como numa empresa. E o resultado dessa organização pode ser observado nos desfiles das Escolas de Samba, no período momino. Cada uma destas instituições tem seus códigos de estruturação com espaços geográficos e simbólicos também distintos. As Escolas de Samba cariocas se situam por toda a região metropolitana do Rio de Janeiro, abrangendo, ainda, diversos distritos e municípios.

Há uma grande quantidade de pessoas envolvidas com o “saber carnavalesco”⁵, na cidade do Rio de Janeiro, em períodos que antecedem aos desfiles das Escolas de Samba, de outubro a fevereiro, com poucas variações. No entanto, no restante do ano, os trabalhadores que aprenderam a desenvolver alguma habilidade referente à confecção de fantasias, adereços⁶ e alegorias⁷ ficam

³ As fantasias de Escolas de Samba “vestem”, literalmente, todos os participantes dos desfiles, de acordo com o enredo de cada agremiação. Mais adiante, daremos maiores detalhes sobre este termo. Neste momento, esta nota presta-se a diferenciar o termo de possíveis interpretações diferentes deste sentido.

⁴ O termo carnavalesco, neste sentido, refere-se ao profissional responsável pelo desenvolvimento do enredo para as Escolas de Samba, assim como por toda a parte plástico-visual dos desfiles. Mais adiante, este termo aparecerá referindo-se ao universo do carnaval.

⁵ GOLDWASSER (1975, p. 174) afirma que “O ‘saber’ carnavalesco difere de outras formas de conhecimento artístico. Ele está dentro da chamada ‘cultura popular’ no sentido de que compreende uma forma de aprendizado espontâneo e informal, depende assim de vivência e convivência dentro de um meio de ‘especialistas’”. GUIMARÃES (1992, p. 207) complementa: “O grau de especificidade que envolve o ‘fazer carnaval’ coloca o carnavalesco numa posição de especialista que o distingue no contexto da Escola de Samba, onde conhecimentos e habilidades específicas são bastante valorizados [...]”.

⁶ Os adereços são também conhecidos como alegorias de mão. Segundo MAGALHÃES (1997), “Para compor a fantasia há as alegorias de mão. Foi um recurso que revolucionou o desfile, outra descoberta dos anos [19]70. Qualquer coisa que o figurante carregar é chamada de alegoria de mão e conta pontos no julgamento do quesito alegorias e adereços” (pp. 43-46). A derivação deste termo mais comum é usá-lo como verbo no sentido próprio da ação de adereçar, significando enfeitar, decorar, engalanar, ornamentar, etc.

⁷ Também chamadas de carros alegóricos, as alegorias pontuam os desfiles de Escolas de Samba, reforçando as principais ideias contadas nos enredos. Geralmente, possuem grandes estruturas físicas montadas em chassis de caminhões ou ônibus e confeccionadas em várias camadas: ferro, madeira e, finalmente, a decoração. Em cima das alegorias, são colocadas

sem uma atividade permanente. Alguns destes artesãos foram estimulados para utilizar suas habilidades, e a proximidade com as Escolas de Samba, para produzir *souvenirs* (artesanatos carnavalescos) com finalidade comercial.

Atualmente, nas grandes cidades, diversas formas de artesanato têm se tornado uma alternativa viável como fonte de renda, diante da falta de emprego formal. Em especial, nas comunidades de baixa renda (geralmente situadas em regiões periféricas), a falta de educação formal e qualificação profissional agravam esta situação. Estes fatores diminuem a oportunidade dos habitantes terem uma colocação no mercado formal de trabalho e, conseqüentemente, a manutenção econômica de sua família.

Algumas áreas da economia se mostram favoráveis à absorção de produtos e serviços, como o turismo e feiras temáticas, por meio da comercialização de artesanatos com características de uma determinada cultura, etnia ou festividade.

Identificamos uma alternativa, cada vez mais comum, para reverter a situação da falta de emprego, através de instituições como a AMEBRAS – Associação das Mulheres Empreendedoras do Brasil. Esta ONG tem se ocupado em oferecer cursos de qualificação para os moradores de comunidades ligadas às Escolas de Samba do Rio de Janeiro, na tentativa de ampliar as oportunidades de ocupação e geração de renda. Pela proximidade com o “saber carnavalesco”, as pessoas que são atendidas pela AMEBRAS, em sua maioria, atuam confeccionando fantasias, adereços e alegorias para os desfiles de Escola de Samba, no período pré-carnavalesco.

O interesse inicial neste tema foi observado quando desenvolvemos projetos de qualificação de mão de obra para oficinas de Carnaval e Moda, em parceria com a AMEBRAS, nos quais colocamos alguns alunos-monitores para a “Oficina de Customização – Carnaval/Moda”. Utilizamos essa aproximação com o “Projeto Carnaval e Cidadania” para obter dados para “alimentar” esta pesquisa.

Com a crescente profissionalização do carnaval, consideramos pertinente uma reflexão sobre os objetos e linguagens gerados por meio da criação carnavalesca, algumas vezes como manufaturas artesanais, outras vezes como processos tecnologicamente avançados e, em outros casos, em estágios intermediários entre as duas posições citadas anteriormente. Ademais, a produção

grandes esculturas (em isopor e fibra de vidro) e/ou componentes vestidos em fantasias de destaque e composição.

manufatureira carnavalesca deve ser entendida como uma manifestação que hibridiza aspectos culturais com algumas peculiaridades do artesanato urbano, no qual sua produção é induzida, principalmente, por questões econômicas. Importa, ainda, observar o lugar de onde fazemos este estudo: o design na academia.

Além disso, atualmente, o LaRS⁸ abriga o Grupo de Estudos “Design e Artesanato” devido ao crescente interesse dos alunos da Pós-Graduação no entrelaçamento destes temas. O Grupo promove reflexões acerca da produção de artefatos em âmbito artesanal e sua relação com outros tipos de produção de objetos e linguagens. Desta maneira, nossa pesquisa relaciona-se com outros estudos em desenvolvimento junto ao PPG em Design, como forma de entendimento de processos de Design, pois compreendemos esses processos como ações e devemos

“pensar a atividade e o papel do designer como fruto de uma relação global, que inclui o meio, o lugar onde o objeto configurado se insere, o coletivo e a subjetividade, decorrentes da cultura, que está presente na relação do sujeito com o objeto [...]” (COUTO e OLIVEIRA, 1999, p. 09).

A pesquisa produzida na área do Design permite uma melhor compreensão da materialidade e de sua visualidade nos aspectos estéticos (e extraestéticos), simbólicos, subjetivos, históricos e sociológicos, enfatizados pela interdisciplinaridade⁹ como um dos fundamentos básicos da prática em Design. Além disso, o professor BOMFIM (1998) afirma que o design realizado no Brasil tem algumas peculiaridades próprias, pois

“[...] essa situação se diferencia do caso europeu pelo fato de que apenas uma parte muito pequena dos produtos industriais é desenvolvida por designers. O processo de configuração desses produtos é semelhante aos procedimentos de épocas passadas, ou seja, permanece como tarefa de artesãos, engenheiros e outros técnicos” (p. 142).

De acordo com a citação acima, entendemos que toda a produção de objetos em torno do carnaval carioca, seja nos desfiles das Escolas de Samba, seja na configuração das “lembrancinhas” criadas por artesãos urbanos com temática

⁸ Laboratório da Representação Sensível, Departamento de Artes & Design, PUC-Rio, ao qual esta pesquisa está vinculada.

⁹ SOMMERMAN (2006). Este autor defende o conceito de interdisciplinaridade como uma “associação entre disciplinas, em que a cooperação entre várias disciplinas provoca intercâmbios reais; isto é, existe verdadeira reciprocidade nos intercâmbios e, conseqüentemente, enriquecimentos mútuos” (p. 33).

carnavalesca não só em seus aspectos morfológicos, mas também como representação de parte de uma sociedade, de uma cultura: o carnaval é também uma forma legítima de pesquisa em design, ainda que a inclusão desse “fazer” entre “formas do design” seja problemática. Destacamos, ainda, que as discussões sobre esta questão é um dos objetivos desta Tese e representa uma de suas contribuições para o campo do design.

Ademais, BOMFIM (1998) afirma que

“A classificação do setor produtivo através dos critérios tradicionais – mão-de-obra, capital, e volume de produção – não consegue mais abranger todas as possibilidades existentes e o surgimento de novos processos produtivos certamente levará a uma reflexão no campo do ensino do design. Esta, aliás, é uma tendência verificável: ‘design de móveis’, ‘fashion design’, etc. [e acrescentamos, nesta mesma perspectiva, o design de carnaval]” (p. 144).

Nosso estudo serve de base para o entendimento do “fazer artesanal” contemporâneo e urbano, em sua produção, circulação e recepção, ampliando os conhecimentos sobre a relação entre o design e o artesanato. Desta maneira, entendemos a produção de objetos carnavalescos como uma das possibilidades de atuação de artistas, *designers* e artesãos.

Nesse trabalho, toda a produção de objetos com temática carnavalesca utilizada nos desfiles das Escolas de Samba (fantasias, adereços, alegorias) é chamada de “objetos carnavalescos”. No entanto, para diferenciar essa produção das manufaturas comercializadas para turistas, denominamos essa última de “*souvenirs* carnavalescos”.

Dois universos próprios do carnaval são observados a fim de estudar os processos que formatam esta manifestação sociocultural: a Festa e o Mercado. Na Festa, o foco de observação envolve tanto o processo de criação de fantasias, alegorias e adereços para os desfiles de Escolas de Samba, quanto os materiais, processos e profissionais. Enquanto no Mercado, a finalidade da produção dos *souvenirs* carnavalescos torna-se o objeto de investigação desta pesquisa, levando-se em consideração os relatos (através de depoimentos) associados à prática artesanal, encontrados tanto na Festa quanto no Mercado.

Nesta perspectiva, relacionamos o nosso estudo ao trabalho desenvolvido

por CANCLINI (1983)¹⁰, pois ele leva em consideração o estudo da festa e dos artesanatos produzidos por comunidades indígenas, na América Central, enquanto nossa pesquisa contempla o estudo dos objetos produzidos pela festa carnavalesca.

Para tanto, utilizamos a AMEBRAS como estudo de caso, pois essa ONG encarrega-se de oferecer cursos de qualificação e profissionalização em diversas áreas, a fim de oportunizar a inserção no mercado aos moradores de comunidades ligadas às Escolas de Samba. Muitas são as profissões contempladas no processo de qualificação e reciclagem de mão de obra nas oficinas promovidas pela AMEBRAS, como: (a) **de serviços**, como cabeleireiro, estamparia, pintura em tecidos e corte/costura e (b) **de produtos**, como adereços, chapelaria, miniaturas e *souvenirs* com a temática do carnaval (chaveiros, caixas e portas-retratos de papel, etc.).

Alguns participantes das **oficinas de produtos** aprendem técnicas para o desenvolvimento de artesanatos com materiais e temas próprios do carnaval carioca; outros já têm técnicas desenvolvidas para diferentes tipos de produto, mas querem se inserir “no carnaval”. A partir do acompanhamento da oficina de produtos ADEREÇOS relatamos e analisamos os seus produtos e processos, além de estudarmos os agentes envolvidos nesta dinâmica. Desta forma, está delineado o universo que desenvolvemos nesta pesquisa: a produção¹¹ de objetos carnavalescos, no âmbito das Escolas de Samba, e dos *souvenirs* carnavalescos, comercializados em pontos turísticos geridos pela AMEBRAS.

Acreditamos que as atividades desenvolvidas no processo de confecção dos *souvenirs* carnavalescos seguem o “saber fazer”, próprio dos objetos carnavalescos desenvolvidos em função dos desfiles das Escolas de Samba, no carnaval carioca. Além disso, cremos que tanto a produção de objetos carnavalescos quanto os *souvenirs* carnavalescos se constituem a partir de um imaginário¹² e dos repertórios de imagens e discursos que circundam os

¹⁰ CANCLINI (1983, p. 128) afirma: “Como um fenômeno global, que abrange todos os aspectos da vida social, a festa mostra o papel do econômico, do político, do religioso e do estético no processo de transformação-continuidade da cultura popular”.

¹¹ Esclarecemos que nomeamos “produção do carnaval” os processos criativos na confecção de objetos, no sentido de produção/circulação/recepção entendido por BOURDIEU (2003), WOLFF (1982) e CANCLINI (1984).

¹² Conforme PORTINARI (1999, p. 97): “Assim, podemos entender o trabalho do Design como uma atividade de criação e recriação da própria significação efetuada através das ‘coisas’. Neste sentido podemos dizer que o imaginário não só ‘permeia’ a atividade do designer, em todos os

participantes. Com isso, suspeitamos que os *souvenirs* carnavalescos acabam instituindo tempos e espaços particulares, entre as dimensões do design e do artesanato.

O objetivo geral desta pesquisa é entender como se dá a produção de *souvenirs* carnavalescos, com finalidade comercial, considerando que há uma relação e um saber intrínseco à confecção dos desfiles das Escolas de Samba, na utilização dos materiais, processos e usos. Para tanto, (a) revelamos como se constitui o campo social no carnaval carioca e suas práticas; (b) esclarecemos como se dá a produção de objetos carnavalescos, nos desfiles das Escolas de Samba; (c) apontamos as especificidades das oficinas de qualificação da AMEBRAS (através dos depoimentos); (d) compreendemos como se dá a produção/circulação/recepção dos *souvenirs*, com temática carnavalesca, e, finalmente, (e) dimensionamos o(s) tempo(s) e espaço(s) para os *souvenirs* carnavalescos.

O referencial teórico para tratar, especificamente, o tema aqui proposto é embrionário, pois esta pesquisa investiga questões ainda inexploradas no universo carnavalesco. No entanto, alguns autores se preocuparam em estudar as circunstâncias que apenas tangenciam o objeto desta pesquisa, como: os desfiles de Escolas de Samba; o carnaval carioca; a sociologia da arte; e, finalmente, o design enquanto processo sistematizado na produção de objetos. É a partir desses autores que buscamos um diálogo. Nesta perspectiva, nossa pesquisa apresenta caráter interdisciplinar¹³ ao relacionar autores de campos que interagem e integram seus conceitos e procedimentos teóricos.

A partir do exposto, apresentamos alguns autores que tratam das questões relacionadas (a) ao carnaval, (b) ao turismo, (c) ao artesanato, cultura, à sociologia da arte e à produção artística, além (d) da área do design, a fim de explicitar nossa interlocução sobre o assunto aqui proposto e norteando a base teórica para o desenvolvimento desta Tese.

(a) Carnaval

Os principais autores que estudaram o carnaval tratam de questões ligadas à festividade, aos desfiles das Escolas de Samba e ao modo de produção do

níveis, mas que, mais radicalmente, o imaginário constitui a própria matéria que é trabalhada por essa atividade: a sua 'matéria-prima'.

¹³ Conforme SOMMERMAN (2006).

espetáculo. Assim, selecionamos dialogar com: Roberto DAMATTA (1997 e 1981), Helenise GUIMARÃES (2004 e 1992), Felipe FERREIRA (2004 e 1999), Maria Laura CAVALCANTI (2009, 1999 e 1994), Hamilton de SOUZA (1989) e Rosa MAGALHÃES (1997). Enquanto DAMATTA apresenta uma visão do carnaval carioca como manifestação tanto social, quanto estética, capaz de produzir sentidos na sociedade, com reflexo em diversas áreas e sujeitos, FERREIRA descreve os principais acontecimentos históricos e sociais que transformaram o carnaval carioca nesta “espetacularização”, a partir de seus elementos plástico-visuais. MAGALHÃES e SOUZA demonstram o modo de produção dos desfiles das Escolas de Samba, ao mesmo tempo em que descrevem as principais etapas e personagens que os constituem. GUIMARÃES e CAVALCANTI estudaram os aspectos sociológicos dos desfiles das Escolas de Samba, nomeando os principais atores sociais envolvidos neste processo.

(b) Turismo

O interesse pelo carnaval e os desfiles das Escolas de Samba, no Rio de Janeiro, proporcionou o desenvolvimento da atividade do turismo, em ações retro-alimentadoras, entre ambas as atividades: o carnaval e o turismo. A fim de entender melhor esse processo, buscamos nos estudos de RICHTER (2002), JANSEN-VERBEKE (2002), GRABURN (2009), AGUINAGA (2002), NETTO, A. P. e TRIGO, L. G. G. (2003) e FERREIRA (2004) os subsídios necessários para uma abordagem que relacionasse o carnaval ao turismo e vice-versa. RICHTER explorou o papel político do gênero na pesquisa de turismo, esclarecendo como os gêneros (masculino e feminino) desenvolveram os seus interesses em função do turismo. Ela mostra que o turismo, por um bom tempo, concentrou atenção excessiva em finalidades ditas de “ordem masculina” e, nos últimos tempos, despertou para outros públicos, considerando os destinos “familiares” e os “interesses femininos”, muito focados no consumo. No caso de JANSEN-VERBEKE, o enfoque primordial está na pesquisa do turismo associado a novos mercados, especialmente à indústria dos *souvenirs*, na qual temos especial interesse nesta Tese. GRABURN reuniu-se com pesquisadores brasileiros para publicarem uma coletânea, ao mesmo tempo resultado de pesquisas e reflexões de antropólogos, que, por diversas razões e em diferentes momentos, escolheram o turismo como objeto de estudos. AGUINAGA apresenta o impacto do carnaval sobre o turismo no Rio de Janeiro, colocando essa festa no sistema internacional

do turismo, quantificando a importância econômica desta atividade para a cidade do Rio de Janeiro. Alguns conceitos, como, por exemplo, o de “Parques Temáticos” foi extraído dos escritos de NETTO, A. P. e TRIGO, L. G. G., ao revelarem a importância que esses espaços temáticos acabam produzindo em uma sociedade. FERREIRA, ao se debruçar sobre a “pré-história” dos desfiles das Escolas de Samba no Rio de Janeiro, acabou identificando no carnaval ações que produziram o desenvolvimento do turismo, ao mesmo tempo em que promoveram a cidade do Rio de Janeiro e o próprio carnaval carioca.

(c) Artesanato, cultura e sociologia da arte

Encontramos nos estudos de Nestor Garcia CANCLINI (2008, 1984 e 1983) o fio condutor para abordarmos as questões que envolvem os artesanatos produzidos com finalidade comercial, além daqueles produzidos em função de alguma festividade ou localidade. Ademais, Peter BURKE (2003) reforça o conceito sobre a hibridização de culturas, relacionando o seu trabalho ao de CANCLINI. Homi BHABHA (1998), em seus estudos sobre cultura, nos ajuda a explicar sobre: “estratégias de subjetivação”, “articulação social da diferença”, “multiculturalismo”, “a fronteira como começo” e a construção de identidades e diferenças. Richard SENNETT (2009) encontra no trabalho manual, muitas vezes equivocadamente menosprezado, uma metáfora sobre a habilidade de como melhor lidar com suas vidas, sendo “bons artífices”.

Para uma abordagem que não restrinja o artesanato e a produção artística popular a uma categoria inferior e, indo um pouco mais adiante, desenhando um campo de atuação dos objetos produzidos pelo (e para o) carnaval, trouxemos para esta pesquisa ideias e conceitos de Pierre BOURDIEU (2008), Howard BECKER (2009 e 1977), Janet WOLFF (1982), Nelson GABRURN (1976) e Christopher STEINER (1994). BOURDIEU apresenta uma sofisticada teoria que designa o sentido para a utilização do conceito de “bens simbólicos”, explicando a lógica do processo de autonomização, estrutura e funcionamento do campo de produção artística (em suas instâncias de reprodução e consagração) e, acima de tudo, o posicionamento dos agentes sociais, em meio às relações sociais. BECKER, no primeiro livro, desmonta as formas convencionais de se representar as sociedades, abrindo o saber sociológico para outros tipos de relato. No segundo livro, ele categoriza algumas classes de profissionais que trabalham com a arte, como resultado e expressão de tipos de interação social e frutos da ação coletiva de seus

participantes. Concordamos com a abordagem de WOLFF sobre arte, a partir da tríade produção – distribuição – recepção. Os estudos de GABRURN e STEINER se relacionam, na medida em que o primeiro autor categoriza as “Artes do Quarto Mundo” em produções artísticas comerciais. Já o segundo, estuda a produção artística no continente africano, com finalidade comercial e turística. Estes dois últimos autores trouxeram reflexões importantes ao nosso trabalho, ao apontar para a produção de objetos e artistas/artesãos que vivem para suprir um “mercado” em movimento e trânsito constantes.

(d) Design

Os textos de design foram extraídos das ideias de alguns professores da área, como: Gustavo BOMFIM (1998, 1997 e 1994), Jefferson OLIVEIRA (1999) e Rita COUTO (1999 e 1997) e Denise PORTINARI (1999). Estes pesquisadores reúnem uma série de reflexões, ideias e teorias sobre a área do Design. BOMFIM apresenta um apanhado de textos sobre estética e design, com finalidades distintas. Incluímos o pensamento do professor BOMFIM neste estudo sobre o carnaval, como fonte de produção de objetos que, com peculiaridades próprias, configuram o Design como atividade transdisciplinar. COUTO e OLIVEIRA enumeram uma pluralidade de enfoques que proporciona o entendimento de materiais, métodos e princípios da teoria do Design e apresentam uma ampliação dos limites, impedindo o fechamento de conceitos e teorias, a partir da natureza interdisciplinar e multifacetada da atividade do designer. Ao tratar o design como campo de confluência de outras áreas, nossa pesquisa se apoia nesta articulação entre o Design e outras áreas. PORTINARI apresenta uma reflexão sobre a noção de imaginário e sua utilização em pesquisas de cunho interdisciplinares (como no campo do design), pela via da análise do discurso. Esta noção de imaginário é extremamente útil para nossa pesquisa, na medida em que as falas dos entrevistados são anexadas às práticas, seja para a produção dos objetos carnavalescos (nos desfiles de Escolas de Samba), ou para os *souvenirs* carnavalescos.

Entendemos que, a partir da multiplicidade de olhares explicitados nos autores selecionados, construímos a tessitura deste trabalho. No entanto, a base desse estudo é de ordem social, e tem como fundamento metodológico a pesquisa de campo com observação participante.

A observação empírica teve como foco principal visitas sistemáticas às

oficinas de capacitação promovidas pela AMEBRAS e aos pontos de comercialização dos produtos (no Sambódromo e na Cidade do Samba)¹⁴. Nestas visitas, foram registrados depoimentos para uma análise qualitativa da produção de *souvenirs* carnavalescos destinados à venda, como forma de geração e fonte de renda.

Nosso contato com a AMEBRAS surgiu através de uma parceria firmada entre a Universidade Veiga de Almeida – UVA – e a ONG, quando a Universidade cedeu professores e o laboratório de costura para uma das primeiras oficinas daquela ONG oferecidas com o tema “Carnaval e Moda”, já que a UVA possui curso de Design de Moda e a AMEBRAS precisava (re)qualificar algumas costureiras para serem multiplicadoras no projeto “Carnaval e Cidadania”.

Começamos a nos envolver com as ações promovidas pela AMEBRAS, o que acabou despertando o interesse pela pesquisa sobre a produção de objetos, em oficinas de qualificação de mão de obra. Essas oficinas acontecem ao longo do ano, em dias e horários alternados da semana e tivemos a oportunidade de acompanhar algumas delas, no semestre 2008.1.

A AMEBRAS foi utilizada nesta pesquisa como estudo de caso e como espaço para entendimento das relações sociais dos agentes, direta ou indiretamente, envolvidos no processo de qualificação de mão de obra para o carnaval. Para tanto, acompanhamos o desenvolvimento da oficina de adereços, promovida pela AMEBRAS, no semestre 2008.1, a fim de entendermos como se organiza o processo de qualificação de mão de obra, a partir da prática de confecção de adereços, comumente utilizados pelo carnaval, nos desfiles das Escolas de Samba. As aulas dessa oficina aconteciam às terças-feiras, de 13 às 17 h, no quarto andar do barracão número 1, na Cidade do Samba.

Os principais informantes desta pesquisa foram os próprios colaboradores da AMEBRAS, como: o instrutor da oficina de adereços, Sandro Raimundo; a coordenadora dos cursos, Vera Lúcia; a assistente/secretária da presidente da ONG, Ivana de Freitas; a presidente da AMEBRAS, Célia Domingues; a gerente e a vendedora da loja no sambódromo, respectivamente, Shirley Melo e Adriana; as

¹⁴ A AMEBRAS tem dois pontos de venda de seus produtos: um no Sambódromo e outro na Cidade do Samba. Aliás, é na Cidade do Samba onde acontecem os cursos de qualificação e onde são realizados os objetos que depois são encaminhados às lojas. A LIESA – Liga Independente das Escolas de Samba - apoia essa ação, cedendo o barracão número 01, na Cidade do Samba, para esse fim.

artesãs e instrutoras da AMEBRAS, Márcia Batista e Jurema Lemos; o artesão/designer Cocco Barçante, além dos alunos da oficina de adereços. Os depoimentos foram gravados, transcritos e anexados ao final desta Tese, a fim de deixar o registro de suas falas.

A qualificação da mão de obra oferecida pela AMEBRAS repete as técnicas, materiais e procedimentos também utilizados na confecção de fantasias, adereços e alegorias para as Escolas de Samba. Portanto, o processo de qualificação segue a transmissão de conhecimento, a partir de sua prática. As oficinas da AMEBRAS são estruturadas usando como “pano de fundo” o trabalho desenvolvido pelas Escolas de Samba, na confecção de seus objetos carnavalescos.

Vale salientar que nosso trabalho acaba por amplificar as vozes sobre a produção de objetos para o carnaval, seja para os desfiles das Escolas de Samba ou no caso da comercialização dos objetos produzidos em função do turismo. Desta forma, tal como revela o poema TRADUZIR-SE, no início desta introdução, fazemos uma tradução parcial de tudo que vimos, escutamos, registramos nas oficinas de qualificação, nas lojas e pontos de vendas, nos desfiles de carnaval, em eventos que participamos para o meio acadêmico, propondo, assim, uma espécie de interação entre o “saber carnavalesco” (de ordem prática) com o “saber instituído” da Academia (de cunho teórico).

Apresentamos nesta Tese um tema que carece de algumas informações preliminares, a fim de auxiliar melhor o nosso leitor a desvendar o “universo carnavalesco”. Por isso, optamos por uma divisão em capítulos que acreditamos tornar o objeto de nossa pesquisa mais claro. Precisamos realizar alguns recortes, por conta da extensão do tema, pois falar de carnaval, como prática social, para uma comunidade de designers, requer uma escrita que esclareça sobre o nosso próprio campo.

Acrescentamos a essa introdução a observação de que, por vezes, é necessário voltar ao tema já abordado, pois o assunto se repete em diversas fases ou processos e, em outras vezes, informamos que o assunto será tratado em maior profundidade mais adiante.

Assim, além desta introdução (que numeramos como primeiro capítulo), localizamos o grande universo do carnaval carioca e suas Escolas de Samba, no capítulo 2, nomeado de “**O carnaval carioca e suas práticas sociais**”. Nele,

tratamos das práticas sociais referentes ao carnaval e incluímos o turismo como aspecto de destaque em nossa sociedade. Dessa maneira, criamos uma ligação entre o “apelo” turístico e alguns locais de visitação contemplados em razão do carnaval. Ao tratar o carnaval carioca como prática social, localizamos um campo social, no qual os espaços físicos se transformam em locais de lazer, de apresentação, de convivência e de produção de bens simbólicos. Os estudos sobre turismo são apresentados em pesquisas que circunscrevem o carnaval ao turismo, em experiências que tornam essa relação reflexiva. Neste capítulo, apresentamos alguns momentos históricos sobre o desenvolvimento do carnaval carioca, em direções que mostram o Sambódromo como lugar de apresentação e a Cidade do Samba como lugar de confecção dos desfiles das Escolas de Samba.

No capítulo 3, designado de “**Os objetos carnavalescos**”, apresentamos dois universos encontrados nesta pesquisa: a Festa carnavalesca (ou a produção “para dentro”) e o Mercado (ou a produção “para fora”). Na Festa, identificamos um espaço de convivência e produção dos objetos carnavalescos, o barracão, onde as relações sociais e os processos de produção para os desfiles das Escolas de Samba se desenvolvem. É nesse lugar onde são produzidos os elementos plástico-visuais que constituem os desfiles das Escolas de Samba: alegorias, adereços e fantasias. No Mercado, estudamos o caso da ONG AMEBRAS para entendermos como e onde são produzidas as “lembrancinhas” vendidas aos turistas interessados na festa carnavalesca. Essas produções para a Festa e para o Mercado possibilitam um entendimento sobre as práticas artesanais, artísticas e com aspectos de design, convivendo ao mesmo tempo. Finalizamos este capítulo tendo a oportunidade de esmiuçar o nosso principal objeto de estudo: os *souvenirs* carnavalescos, através de seus processos e agentes.

No capítulo 4, batizado de “**Entre o design e o artesanato**”, dimensionamos algumas ações com aspectos de design e outras com características de artesanato e, por meio dos depoimentos e posicionamentos, entendemos que nosso objeto de pesquisa contempla, além dos artefatos físicos, seus produtores e os processos que os constituem. Aqui, adiantamos que, apesar de o título deste capítulo apontar para um lugar intervalar, entre duas dimensões reais do design e do artesanato, isso não os coloca em oposição, como pode aparentar numa primeira impressão. Ao contrário disso, queremos com esse “entre-lugar” colocar a produção dos objetos carnavalescos “entre dois mundos

encantados”, que explicaremos melhor ao final da Tese.

Pretendemos, com este estudo, apresentar à comunidade acadêmica alguns aspectos da sociedade, através de uma manifestação cultural, turística e mercadológica, capazes de representar parte de uma população, além de revelar sobre suas práticas, desejos e possibilidades de pensar os objetos produzidos como partes de suas vidas.